

Economia verde reúne ONGs e iniciativa privada

Seja para atender a exigências legais, seja por iniciativa própria, cresce a procura da iniciativa privada por empreendimentos florestais, especialmente os voltados à recuperação de áreas florestais degradadas. Além das que têm a floresta no seu core business, como a Klabin, por exemplo, instituições financeiras do porte do Bradesco e do Santander, companhias como a gigante do alumínio Alcoa, a indústria química Basf e o fabricante de produtos de limpeza Ypê, entre outros, unem-se a organizações não-governamentais para investir na preservação e recuperação de florestas em ecossistemas ameaçados de extinção no país. A constatação é de Ludmila Pugliese, gerente de restauração florestal da Fundação SOS Mata Atlântica, ONG criada em 1986 para promover a conservação da diversidade biológica e cultural do Bioma Mata Atlântica. "Basicamente, são empresas que buscam compensar a emissão de carbono por meio do plantio de mudas de árvores nativas, mas também interessadas na preservação do meio ambiente", declara Ludmila. Segundo ela, desde que a Mata Atlântica lançou o Florestas do Futuro, há onze anos, cerca de 240 empresas já aderiram ao programa.

MUDAS EM PROGRESSÃO GEOMÉTRICA

Só em 2010, "atraímos a participação de 60 empresas", acrescenta ela, para quem, outro indicador da resposta empresarial ao projeto é a evolução do número de mudas plantadas, nos últimos quatro anos. "Até 2007, foram 800 mil, aproximadamente. De 2008 até 2010, mais 2,5 milhões de mudas foram plantadas dentro do Florestas do Futuro", contabiliza a gerente. Nesse período, Ludmila Pugliese diz que a iniciativa privada contribuiu para o plantio de 3,5 milhões de mudas de árvores nativas em 100 propriedades agrícolas localizadas na área de influência da Mata Atlântica, perfazendo um total de 1,4 mil hectares de áreas de preservação permanente de mata ciliar. O Florestas do Futuro, um dos programas ambientais formatados pela SOS Mata Atlântica, está focado na restauração de áreas privadas, preferencialmente aquelas que contribuem com a conservação da água e da biodiversidade.

Fábio Scarano, diretor executivo da Conservação Internacional (CI-Brasil), acredita que as empresas privadas já entendem que mais do que um artifício de marketing as boas práticas de sustentabilidade ambiental podem reverter positivamente para o seu próprio negócio, no médio e longo prazo. "O namoro está avançando e já é quase um noivado", compara Scarano ao comentar o estágio atual do compromisso das empresas com a necessidade de preservar as florestas nacionais.

PESOS-PESADOS EM AÇÃO

A CI mantém parceria hoje com alguns pesos-pesados como Coca Cola, Havaianas, Monsanto, Walmart e outras seis empresas, a gigante do alumínio Alcoa entre elas. No Norte, cuida da Floresta Nacional do Amapá junto com a Walmart e divide com a Alcoa o projeto Corredor de Biodiversidade Tapajós-Abacaxis, quatro unidades de conservação na área de fronteira entre os estados do Pará e Amazonas. Na área de influência da Mata Atlântica, o trabalho feito com a Auston tem como meta dobrar a área florestal desse bioma ameaçado de extinção.